

Lição 5 – O Evangelista e seus relacionamentos

1. Intimidade com Deus

Uma das experiências mais preciosas da vida cristã é saber que fomos aceitos por Deus, a despeito de nossas falhas e limitações. Mesmo porque Ele não leva isto em conta, caso contrário, o que seria da sua graça? O apóstolo Paulo na Carta aos Romanos (8:5) diz-nos que Deus prova seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós mesmo em nosso estado de pecado. Se formos, portanto, aceitos de tal forma, devemos esforçar-nos, afim termos um padrão de vida aceitável para com o Senhor da obra.

Isto implica uma estreita dependência dos ensinamentos da Palavra de Deus, a fim de compreendermos sua vontade para nossas vidas. Não podemos cair na fraqueza, que degenera em tentação, de acharmos que por estar envolvidos no ministério da evangelização sabemos completamente quais são os propósitos do Mestre para nós. Jesus não descuidou da sua posição de Filho de Deus, e mesmo sabendo a razão pela qual havia deixado a glória para vir a este mundo teve humildade suficiente para, no momento em que se sentiu em questionamento consigo mesmo sobre o peso que aquilo representava sobre sua vida, voltar-se para o Pai e pedir-lhe que sobre o seu desejo pessoal prevalecesse a vontade Dele.

Aí está presente a santificação como um modo de vida. Deus nos resgatou do mundo e do pecado para uma vida nova em sua presença. Já estamos livres da penalidade do pecado, e é isto que pregamos. Precisamos, portanto, viver de tal forma que cada dia adiante, ele tenha menos influência em nossos padrões de vida, experimentando dia a dia, os propósitos do Pai, de modo a caminharmos sempre permitindo que sua vontade se cumpra em nós.

2. Vivendo bem consigo mesmo

As maiores dificuldades que enfrentamos no relacionamento com outras pessoas decorrem das dificuldades que temos conosco mesmo. Temos a tendência de espelhar-nos nos outros nossas próprias dificuldades, temores, ansiedades e necessidades, evitando assim termos que nos confrontar com os disfarces que usamos para nós mesmos.

Embora possa parecer estranho e fora do comum uma expressão como esta, somos humanos como todas as demais pessoas. O ministro de Deus, quer como pastor ou evangelista, pelas enormes demandas da tarefa que lhe estão propostas, procura muitas vezes postergar suas necessidades e dificuldades, afim de que isto não transpareça como fraqueza aos olhos dos demais. E por esta razão acaba criando a falsa impressão de que para aceitarmos o evangelho, precisamos primeiramente abandonar nossos pecados, vencer nossas limitações para, então, sermos "dignos" da graça divina.

Se como evangelistas, servos do Deus altíssimo, formos capazes de compreendermos e aceitarmos que ele nos chamou e designou a despeito das limitações e imperfeições que possamos ter, com mais facilidade infundiremos nas pessoas o respeito e a convicção de que o Espírito de Deus quer atuar em suas vidas, transmitindo-lhes a certeza de que a Graça divina é eficaz exatamente porque não depende dos nossos méritos.

Aceitando nossas limitações, estaremos nos preparando para aceitar as limitações daquelas pessoas que Deus há de colocar ao nosso redor a fim de transmitir-lhes sua graça. Se formos demasiado exigentes com nossas próprias atitudes, podemos pensar que nos é permitido assim agir com os demais. E aceitação aqui é a palavra chave, visto que se não podemos nos aceitar da maneira que somos, repartiremos com todas as pessoas nossas insatisfações e estaremos sempre exigindo das pessoas que sejam ou façam.

3. Relacionando-se bem com os outros

Seja através do evangelismo pessoal ou de atividades objetivando atingir grandes grupos, por sua natureza, o evangelista deve ser capaz de desenvolver relacionamentos de maneira a estreitar as bases da sua missão. Isto requer habilidades e disponibilidades por parte do evangelista que precisam ser desenvolvidas ou mesmo adquiridas, se não estiverem presentes no caráter e na formação pessoal.

É preciso ser uma pessoa acessível a todos. Certamente há momentos em que precisamos estar a sós para estudar, meditar, prepararmos-nos adequadamente para as atividades, mas o estarmos disponíveis para contatos pessoais é fundamental visto que esta tarefa é pessoal por sua natureza. Não poderíamos encontrar melhor exemplo do que Jesus Cristo, que mesmo em suas caminhadas, sempre cercado de muitas pessoas, não desprezava aqueles que o procuravam com suas necessidades e anseios pessoais. Imaginem o espanto e incredulidade dos discípulos quando no meio da caminhada, ele pára e exclama: "Alguém me tocou!", (Marcos capítulo 5, versículos 30 a 34) quando no meio do tumulto as pessoas se acotovavam para poderem aproximar-se dele.

Quando conversava com o jovem rico (Marcos capítulo 10, versículo 21) e reconhece suas dificuldades, apesar de sua religiosidade, em desfazer-se das coisas que o impediam de experimentar um relacionamento íntimo com Deus, diz-nos o evangelho que Jesus o amou. O amou e procurou mostrar-lhe que se não fosse capaz de amar as pessoas mais do que a qualquer bem material, não poderia experimentar um perfeito e adequado relacionamento com Deus. O apóstolo João foi incisivo nesta questão ao dizer que se alguém diz que está na luz mas não tem amor ao seu irmão está nas trevas até agora (I João capítulo 2, versículo 9).